

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
CURSO ARTES VISUAIS BACHARELADO

Pedro Lucas Silva Menezes

**Olhares sobre a rua: fotografia do cotidiano em Goiânia**

GOIÂNIA  
2023



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## TERMO DE CIÊNCIA E DE AUTORIZAÇÃO PARA DISPONIBILIZAR VERSÕES ELETRÔNICAS DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO NO REPOSITÓRIO INSTITUCIONAL DA UFG

Na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Goiás (UFG) a disponibilizar, gratuitamente, por meio do Repositório Institucional (RI/UFG), regulamentado pela Resolução CEPEC no 1240/2014, sem ressarcimento dos direitos autorais, de acordo com a Lei no 9.610/98, o documento conforme permissões assinaladas abaixo, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação da produção científica brasileira, a partir desta data.

O conteúdo dos Trabalhos de Conclusão dos Cursos de Graduação disponibilizado no RI/UFG é de responsabilidade exclusiva dos autores. Ao encaminhar(em) o produto final, o(s) autor(a)(es)(as) e o(a) orientador(a) firmam o compromisso de que o trabalho não contém nenhuma violação de quaisquer direitos autorais ou outro direito de terceiros.

### 1. Identificação do Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação (TCCG)

Nome(s) completo(s) do(a)(s) autor(a)(es)(as): **PEDRO LUCAS SILVA MENEZES**

Título do trabalho: **OLHARES SOBRE A RUA: FOTOGRAFIA DO COTIDIANO EM GOIÂNIA**

### 2. Informações de acesso ao documento (este campo deve ser preenchido pelo orientador) Concorda com a liberação total do documento [ X] SIM [ ] NÃO<sup>1</sup>

[1] Neste caso o documento será embargado por até um ano a partir da data de defesa. Após esse período, a possível disponibilização ocorrerá apenas mediante: a) consulta ao(à)(s) autor(a)(es)(as) e ao(à) orientador(a); b) novo Termo de Ciência e de Autorização (TECA) assinado e inserido no arquivo do TCCG. O documento não será disponibilizado durante o período de embargo.

#### Casos de embargo:

- Solicitação de registro de patente;
- Submissão de artigo em revista científica;
- Publicação como capítulo de livro.

**Obs.: Este termo deve ser assinado no SEI pelo orientador e pelo autor.**



Documento assinado eletronicamente por **Odinaldo Da Costa Silva**, Professor do Magistério Superior, em 23/02/2023, às 09:34, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Pedro Lucas Silva Menezes**, Discente, em 23/02/2023, às 10:30, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3541224** e o código CRC **A7466867**.

---

**Referência:** Processo nº 23070.002726/2023-53

SEI nº 3541224

UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS  
CURSO ARTES VISUAIS BACHARELADO

Pedro Lucas Silva Menezes

**Olhares sobre a rua: fotografia do cotidiano em Goiânia**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para a obtenção de título de Bacharel em Artes Visuais da Faculdade de Artes Visuais (FAV) da Universidade Federal de Goiás (UFG).

Orientador: Prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva.

GOIÂNIA  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do  
Programa de Geração Automática do Sistema de Bibliotecas da UFG.

Menezes, Pedro Lucas Silva

Olhares sobre a rua [manuscrito] : fotografia do cotidiano em Goiânia /  
Pedro Lucas Silva Menezes. - 2023.  
60 f.

Orientador: Prof. Dr. Odianllo da Costa Silva.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade  
Federal de Goiás, Faculdade de Artes Visuais (FAV), Artes Visuais,  
Goiânia, 2023.

Bibliografia.

Inclui fotografias.

1. cotidiano . 2. cidade . 3. fotografia . 4. pessoas . 5. ônibus . I. Silva,  
Odianllo da Costa, orient. II. Título.

CDU 7



UNIVERSIDADE FEDERAL DE GOIÁS  
FACULDADE DE ARTES VISUAIS

## ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO

Aos 17 do mês de fevereiro do ano de 2023 iniciou-se a sessão pública de defesa do Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) intitulado “**OLHARES SOBRE A RUA: FOTOGRAFIA DO COTIDIANO EM GOIÂNIA**”, de autoria de **Pedro Lucas Silva Menezes**, estudante do curso de Artes Visuais - Bacharelado, da Faculdade de Artes Visuais da UFG. Os trabalhos foram instalados pelo Prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva - orientador FAV/UFG com a participação dos demais membros da Banca Examinadora: membro 1 - Prof. Dr. Bráulio Vinícius Ferreira, FAV/UFG; membro 2 - Prof. Dr. Elinaldo da Silva Meira, FAV/UFG . Após a apresentação, a banca examinadora realizou a arguição do estudante. Posteriormente, de forma reservada, a Banca Examinadora atribuiu a **nota final 9,0**, tendo sido o TCC considerado **APROVADO**.

Proclamados os resultados, os trabalhos foram encerrados e, para constar, lavrou-se a presente ata que segue assinada pelos Membros da Banca Examinadora.



Documento assinado eletronicamente por **Odinaldo Da Costa Silva**, **Professor do Magistério Superior**, em 17/02/2023, às 14:19, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) .



Documento assinado eletronicamente por **Braulio Vinicius Ferreira**, **Professor do Magistério Superior**, em 17/02/2023, às 15:31, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Elinaldo Da Silva Meira**, **Professor do Magistério Superior**, em 17/02/2023, às 20:50, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#) .



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site [https://sei.ufg.br/sei/controlador\\_externo.php?acao=documento\\_conferir&id\\_orgao\\_acesso\\_externo=0](https://sei.ufg.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0), informando o código verificador **3464336** e o código CRC **862FD96C**.

## Folha aprovação TCC

Defendido e aprovado publicamente em 17 de fevereiro de 2023, pelos seguintes membros da banca:

---

Prof. Dr. Odinaldo da Costa Silva –  
Orientador(a)

Universidade Federal de Goiás

---

Prof. Dr. Elinaldo da Silva Meira –  
Avaliador(a) Universidade Federal de  
Goiás

---

Prof. Dr. Bráulio Vinícius Ferreira –  
Avaliador(a) Universidade Federal de  
Goiás

Goiânia 2023

## **Agradecimentos**

Eu gostaria de agradecer ao meu professor e orientador Odinaldo da Costa Silva que foi a pessoa que me apresentou o mundo da fotografia, me abrindo inúmeras portas inclusive resultando neste trabalho. Como também gostaria de agradecer aos meus familiares e amigos que me apoiaram durante esse processo.

## **Resumo**

A pesquisa *Olhares sobre a rua: fotografia do cotidiano em Goiânia* pretende discutir o cotidiano da cidade através das minhas caminhadas e experiências fotográficas pelo Centro. Trazendo três elementos principais, como forma de construir uma narrativa acerca dos aspectos efêmeros e da vida ordinária, me apoiando em autores e fotógrafos que discutem em suas pesquisas esses aspectos.

**Palavras chaves:** Cotidiano; cidade; fotografia; postes de energia; ônibus; pessoas.

## **Abstract**

The survey *Looks on the street: everyday photography in Goiânia* intends to discuss the daily life of the city through my walks and photographic experiences around the Center. Bringing three main elements, as a way of building a narrative about ephemeral aspects and ordinary life, relying on authors and photographers who discuss these aspects in their research.

**Key words:** Daily life, city, photography, power poles, buses, people.

## Lista de figuras

Figura 1 – Monumentos do cotidiano .....	17
Figura 2 – Monumentos do cotidiano .....	17
Figura 3 – Monumentos do cotidiano .....	17
Figura 4 – Monumentos do cotidiano .....	17
Figura 5 – Jogo de fios.....	19
Figura 6 – Jogo de fios.....	19
Figura 7 – Cruzamentos.....	20
Figura 8 – Cruzamentos.....	21
Figura 9 – Catedrais cotidianas.....	24
Figura 10 – 362.....	25
Figura 11 – A espera .....	26
Figura 12 – A espera .....	26
Figura 13 – A espera .....	27
Figura 14 – Série – Subway.....	29
Figura 15 – Série – Subway.....	29
Figura 16 – Série – Subway.....	29
Figura 17 – Série – Subway.....	29
Figura 18 – Série – Digitais da vida .....	31
Figura 19 – Série – Digitais da vida .....	32
Figura 20 – Série – Digitais da vida .....	33
Figura 21 – Fluindo pela janela.....	35

Figura 22 – Contrastes cotidianos .....	36
Figura 23 – Alguém e ninguém ao mesmo tempo .....	37
Figura 24 – Sozinho.....	38
Figura 25 – Dina Alfase – Sem título .....	39
Figura 26 – Dina Alfase – Sem título .....	40
Figura 27 – Experimentação com litografia a seco .....	45
Figura 28 - There Was There Will Be .....	46
Figura 29 - Moving Shadows II, VI.....	47
Figura 30 – Pedro Lucas – Sem título .....	50
Figura 31 – Cidade compacta .....	51
Figura 32 – Cidade compacta .....	51
Figura 33 – Cidade compacta .....	52
Figura 34 – Cidade compacta .....	52
Figura 35 – Pedro Lucas – Sem título .....	53

# SUMÁRIO

<b>Introdução .....</b>	<b>12</b>
<b>1. Por caminhos rotineiros.....</b>	<b>14</b>
1.1 Primeiro marco.....	15
1.2 Segundo marco.....	21
1.3 Terceiro marco.....	27
<b>2. A fotografia e o urbano.....</b>	<b>42</b>
2.1 Sob minha lente .....	48
<b>3. Cotidianos .....</b>	<b>54</b>
<b>Considerações finais.....</b>	<b>57</b>
<b>Referências.....</b>	<b>59</b>

## Introdução

Por meio deste trabalho apresento o meu processo artístico que permeia o cotidiano intrinsecamente ligado ao Centro da cidade de Goiânia, suas ruas, seus ônibus, sua gente. Esse espaço que de alguma forma transformei em meu ateliê, minha galeria, meu espaço de experimentação e pesquisa. As descobertas feitas nesse local se mostram através e ao longo deste trabalho, e por meio da construção narrativa visual das minhas fotografias.

A busca e o interesse pelo espaço e nas questões que serão apresentadas rememoram de antes do meu ingresso no curso de Artes Visuais Bacharelado. Ela se deu por uma curiosidade impetuosa, um interesse assíduo pelos aspectos da vida, essa fascinação pelas pessoas e pelo ambiente que me cerca, sempre buscando entender, explorar e perceber esses elementos e suas infinitas questões.

No decorrer do tempo deixou de ser uma questão muitas vezes de passatempo, de uma investigação descompromissada, uma atividade realizada entre meus afazeres e andanças, para de fato se tornar um processo e objeto de pesquisa. E é a partir desse momento que este trabalho começou a ganhar forma. As questões e os elementos que antes eram experimentações, se transformam na minha prática artística.

Me utilizando principalmente da caminhada, me desloco pelo centro da cidade para capturar os elementos que compuseram e foram o ponto de partida desta pesquisa, os quais dividido em três marcos. Ao longo do trabalho irei discorrer sobre esses pontos de interesse e da minha produção artística, partindo dos três elementos que propuseram esse pensamento. Passo pela fotografia urbana e a minha relação com a cidade e, por fim, o cotidiano, em que desenvolvo o pensamento sobre esse conceito e a forma como ele permeia a minha prática.

Tendo como influência a prática dos fotógrafos Walker Evans, Henri Cartier-Bresson, Dina Alfasi, Dorothea Lang, Xyza Cruz Bacani e Girma Berta, como também de artistas como Fernanda Moraes e ZéCésar, penso no âmbito da contemporaneidade e dos novos

paradigmas da representação do homem comum e de seu “habitat”, trazendo para além de um registro documental, um potencial poético do cotidiano, tornando a cidade um “lugar passível de se configurar, ao mesmo tempo, como receptáculo e força estimuladora dos experimentos artísticos. O ambiente urbano é o palco e parte do processo intelectual que nutre estas poéticas” (SANTOS. 2004, p 42).

## 1. Por caminhos rotineiros

O interesse pelo registro dos aspectos corriqueiros e banais sempre me acompanhou. Meu olhar sempre buscou pela rotina das coisas, das pessoas, o caos da cidade e os acontecimentos triviais. Nas andanças pelo Centro da cidade de Goiânia, ao longo do tempo, sempre me peguei observando alguns elementos, em particular três: os postes de energia, os ônibus e as pessoas. Esses elementos de alguma forma prendem meu olhar, minha atenção, me geram questões e me convidam a divagar sobre a própria cidade, sobre esse fluxo constante que experimento todos os dias.

Ao longo do meu processo de desenvolvimento dentro do curso de Artes Visuais-Bacharelado pude perceber a recorrência desses elementos no meu fazer artístico, elementos esses que chamam o meu olhar e que, de uma forma ou de outra, acabam me remetendo ao cotidiano. Pois para mim eles conseguem traduzir de forma visual e material os aspectos do cotidiano.

A partir disso, comecei a pensá-los como marcos, mas não delimitantes ou estáticos, mas vivos, que pulsam e fluem pela cidade tornando-a viva. Esses três elementos: postes de energia, os ônibus e as pessoas remetem cada um à sua maneira ao dia a dia da cidade, à sua banalidade, aos seus eventos corriqueiros, e que compõem a rotina urbana, que flui através deles.

Fotografá-los, então, passou a ser uma forma de elaborar uma narrativa acerca do próprio cotidiano e da cidade, percebendo suas características, suas “identidades”, seus aspectos íntimos e únicos. Construindo um paralelo entre eles através dessa prática artística, que vem do urbano, do rotineiro, abordando os aspectos do cotidiano, do efêmero e da banalidade, ao trazer o Centro da cidade como o espaço de investigação. São esses pontos que trago através da fotografia e que se inserem no contexto da fotografia de rua, “que busca inspiração em situações espontâneas e efêmeras” (CARVALHO, 2016, p.85). Algo capaz de elaborar uma narrativa acerca do próprio cotidiano urbano trago um olhar para os aspectos e as coisas mundanas, tornando-as

visíveis aos outros. Trago, portando, a prática fotográfica como uma forma de investigação dos três elementos que despertam meu interesse na cidade, como marcos que definem minha experiência no Centro de Goiânia.

### 1.1 Primeiro marco

Ao pensar sobre o ambiente urbano, em especial o Centro de Goiânia, imediatamente me vem a imagem dos postes de energia. Constantes pela cidade, erguem-se como monumentos do cotidiano. Pináculos estáticos que se espalham por toda a cidade, presentes em todos os lugares, rotineiros, ligados entre si e a própria urbe através de seus fios desordenados e entrelaçados, como um reflexo do espaço que habitam.

Eles trazem impregnados em sua existência o conceito de rotina, mimeticamente postos, seguindo um padrão, preenchem as ruas justapondo-se aos entroncamentos e cruzamentos, ruas e vielas. A princípio iguais, em padrões geometricamente calculados.

Mas ao me deslocar pelo Centro, n seu habitat com a intenção de fotografá-los, comecei a perceber o caráter único de cada poste, ficando claro suas características e individualidades, que são provenientes do lugar onde estão e da ação do tempo em sua estrutura. Contam através disso sua história, explicitam suas marcas, trazem junto de si a “jornada” que percorreram. Os fios caídos, as ligações clandestinas, os anúncios que ali estavam presos, e que são encobertos por novos, tudo isso compõe sua estética única. Uma correspondência ao próprio estigma que trazem; um paralelo entre eles e as diversas rotinas presentes no cotidiano da cidade, pois assim como a uma diferenciação e especificidade em cada poste, há uma singularidade em cada rotina. Eles são esse reflexo, esses marcos, que espelham as diversas rotinas do ambiente urbano.

Cada poste uma rotina, que se ligam umas às outras por meio dos espaços que compartilham, assim como esses monumentos que são ligados uns aos outros pelos emaranhados dos fios, que os tensionam sendo capazes de tornar visível a ligação invisível entre as rotinas da cidade, que se cruzam, se tramam criando e estendendo uma

rede pelo espaço urbano que passam a desempenhar e a expressar não só a ligação física deles, mas a conectá-los à cidade. Pois como traz o filósofo francês Henri Lefebvre.

[...] o urbano se define como lugar onde as pessoas tropeçam umas nas outras encontram-se diante e num amontoado de objetos, entrelaçam-se até não mais reconhecerem os fios de suas atividades, enovelam suas situações de modo a engendrar situações imprevistas. (LEFEBVRE, 1999, p. 47, apud, ROCHA, 2007, p.35)

O Centro se torna, então, o ponto onde essas histórias, e marcos culminam, onde esses elementos se condensam e entrelaçam formando esta rede. Uma rede de tramas intrínsecas de elementos que conversam e se desenvolvem, que partem uns dos outros, pontos interligados que se estendem por todo o ambiente urbano.

Figura 1,2,3 e 4 - Monumentos Cotidianos (2022)



Fonte: Acervo do artista

Os postes de energia, em especial seus fios que tramam essa rede, esses entrecruzamentos, também serviram de inspiração para outros artistas, como a mineira Fernanda Moraes. Sua pesquisa investiga os processos artísticos contemporâneos, têxteis e de bordadura principalmente, com foco nos seguintes temas: linha, gesto, multiplicidade, educação, memória, costura, bordado, fazeres manuais e digitais. Em sua dissertação de mestrado pelo PPGAV da USP, ela aborda o aspecto da linha através da *Cama-de-gato*, em que:

Todas as operações poéticas que constituem a dissertação, o vídeo e as outras peças gráficas de **Cama-de-gato**, foram orientadas pelas linhas que pululam da problematização do ser do pensamento: sua expressividade, sua insistência na diferenciação, sua capacidade de articular uma miríade de relações temporais, de furta-se ao presente, de lançar-se no caos e extrair de lá o inédito. (MORAES, 2010, p. 9)

Dentro dos trabalhos apresentados em sua dissertação vale destacar sua série fotográfica *Jogo de fios*, em que a fiação elétrica foi o elemento principal. Por meio de nove fotos ela explora as ligações clandestinas entre fios elétricos encontradas ao acaso, a fim de criar esse entrecruzamento, como também, o tensionamento dos fios em uma *Cama de gato*. Seu trabalho,

Explora não só uma ligação semântica como também uma ligação visual entre imagens: os fios elétricos, sobrepostos no *photoshop*, remetem as linhas que cruzam o campo de **Cama-de-gato**. Mais do que isso, ao misturar fotografias com perspectivas distintas, produz-se, também, um tipo de sincronia contraditória especialmente, uma espécie de heterotopia. (MORAES. 2010. p, 227)

Figuras 5 e 6 - Jogo de Fios (2010), Fernanda Moraes.

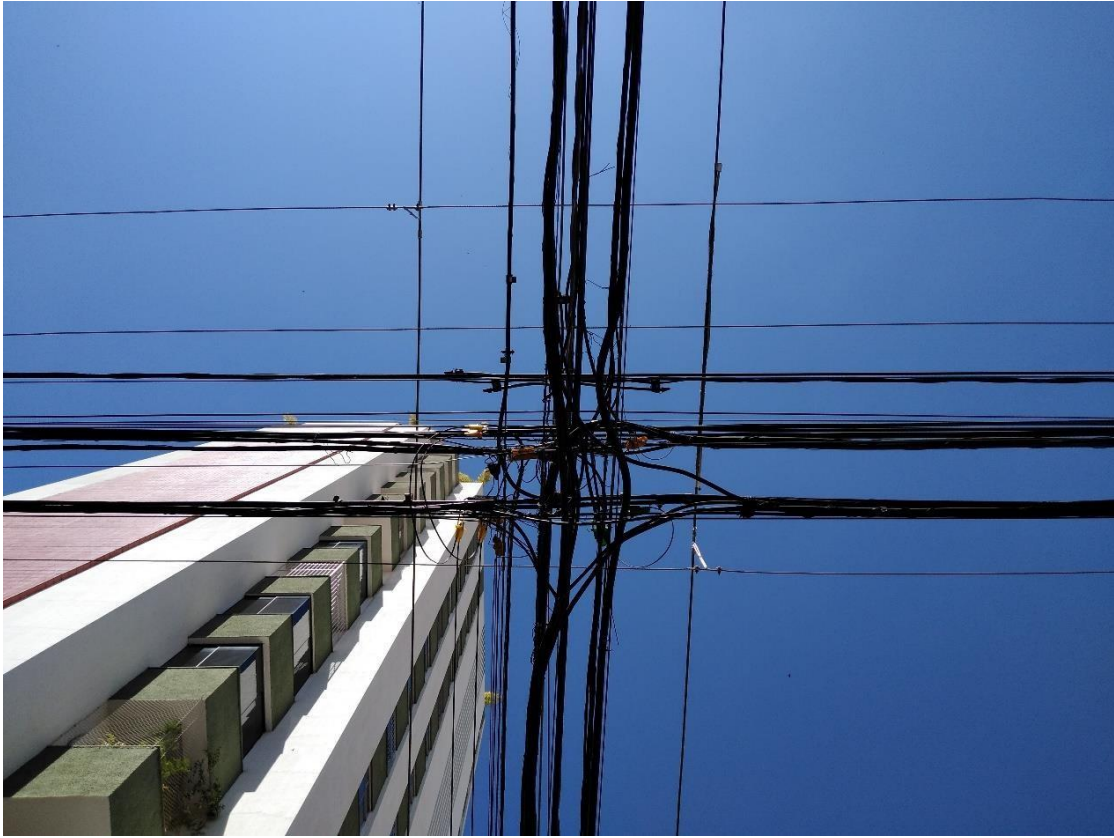


Fonte: Cama-de-gato. São Paulo: biblioteca digital USP, 2010. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-19112010-110232/pt-br.php>. Acesso em: 4 de agosto de 2022.

É possível perceber uma aproximação poética e visual entre meu interesse pelos postes de energia com o trabalho da Fernanda Moraes, pois ao explorar os fios elétricos como linhas de tensionamento e ligação, ela dialoga diretamente com a forma como percebo os fios, como elementos que conectam e que de alguma forma criam embates com o espaço urbano.

Figura 7 e 8 - Cruzamentos (2022)





Fonte: Acervo do artista

## 1.2 Segundo marco

Diferente dos postes, os ônibus fogem da própria ideia de marco, de algo fixo que marcam os limites de um território, de um lugar, embora os ônibus de alguma forma tracem uma trajetória contínua e progressiva, delimitando um percurso. Trata-se de elementos fluidos, móveis, transitórios e banais, circulando constantes nas mesmas linhas e rotas ligando as diferentes partes da cidade.

Penso os ônibus como elementos que possuem uma relação muito intrínseca com o ambiente urbano e as pessoas, pois além de possuírem esse caráter de fluidez, de progressividade e banalidade, também são elementos de ligações, conectam as pessoas umas às outras através desse espaço compartilhado ali dentro, como também as ligam a cidade, pois eles as fazem fluir dentro do espaço urbano. Eles são esses elementos

que conectam, assim como os fios que conectam um poste a outro e a própria urbe os ônibus também o fazem.

Configuram-se como um lugar de trânsito, ou como define Marc Augé (1994) um “não-lugar” sendo apenas um estado passageiro, um espaço intercambiável, em que não possui significado suficiente para ser considerado “um lugar”. O homem não vive e não se apropria desse espaço, ele não possui características identitárias, relacionais ou históricas tudo o que constitui “um lugar”.

Entretanto, é justamente nesse “não-lugar”, nesse estado de passagem que consigo estabelecer relações, que costumo observar os outros que compartilham aquele ambiente e momento comigo. Para mim os ônibus passam a ser um espaço reflexivo, e de experiências, em que observo o cotidiano e as pessoas, ao mesmo tempo que compartilho com elas a minha rotina pelo período de uma viagem, de um trajeto, de uma parada de ônibus a outra.

Quando eu os fotografo, seja de seu interior, seja de fora, sempre percebo esse potencial reflexivo, não apenas para mim mais para todos os que utilizam do transporte público, pois os não-lugares possibilitam uma “tensão solitária” onde o indivíduo experimenta “novíssimas experiências e vivências de solidão” (AUGÉ, 2003, p. 86). Que se traduz como percepções individuais daquilo que os cerca.

No entanto, os ônibus podem se configurar também como um lugar de encontros e conversas, conversas entre amigos, colegas, namorados, um lugar de troca de olhares. Os ônibus trazem consigo essa relação de afeto, inclusive deles com seus usuários, extrapolando seu caráter banal, simples, ganhando um valor que por vezes perpassa uma relação próxima. Criamos uma relação de carinho e ódio com as linhas que usamos todos os dias, nos levando para casa, faculdade, trabalho. Sempre um misto de sentimentos, no começo do dia uma certa infelicidade por ter que tomá-los, mas ao final do dia uma felicidade, uma espécie de acalento ao ver dobrar a esquina ou surgir no horizonte o nosso ônibus.

Começamos a tomá-los como “nossos”, o meu 257, o nosso 268, o nosso 263 são odiados e clamados, portanto, passo a considerá-los como “um lugar” pois me aproprio deles, e estabeleço uma relação de afeto. Foi por meio dos ônibus que comecei a explorar a cidade, a descobri-la, me instigando a descer e caminhar. São também os ônibus uma das principais formas de deslocamento no ambiente urbano. Por isso refletimos neles e por isso os fotografo, são os invólucros do cotidiano, das pessoas. Se os postes são os monumentos do cotidiano, os ônibus são as catedrais.

Assim como os postes eles também se impregnam com o cotidiano. A fluidez que possuem, a forma com que abarcam dentro de si as diversas rotinas, e como fazem a ligação entre elas e a própria urbe. Todas essas características tornam esse elemento uma espécie de fractal pois são peças integrantes do cotidiano urbano como também reflexos dele.

Figura 9 – Catedrais Cotidianas (2022)



Fonte: Acervo do artista

Figura 10 – 362 (2022)



Fonte: Acervo do artista

Figura 11,12 e 13 – A espera (2022)





Fonte: Acervo do artista

### 1.3 Terceiro marco

O terceiro marco é talvez a razão existencial do cotidiano, o princípio poético do meu trabalho, e é a razão primária do meu interesse pela cidade. As pessoas, elas são a força motriz que faz pulsar o cotidiano e a cidade, são os elementos vivos em toda abrangência do seu significado.

Observar as pessoas é de muitas maneiras um autorretrato, contemplá-las envoltas em seus cotidianos é vê-las expressar todos os aspectos de suas individualidades, de tudo o que são. Ao me debruçar sobre esses aspectos busco por suas histórias e suas questões, observá-las vai além de um exercício antropológico, mas também um processo de reflexão e de criação. É observando e pegando pequenas características que me transparecem que começo a me indagar sobre elas, como essas pessoas são, o que gostam de fazer, com que tipo de situações estão lidando naquele momento, o que

esperam da vida e como são seus cotidianos. Passo a fotografá-las como uma forma de me ajudar a pensar sobre essas questões e a construir narrativas, pois “a imagem fotográfica é antes de tudo uma representação a partir do real segundo o olhar e a ideologia de seu autor” (KOSSOY, 2014, p. 3)

E esse interesse por retratar os indivíduos imersos em seus cotidianos, em suas atividades corriqueiras foi e é alvo de inúmeros fotógrafos, entre eles o norte-americano Walker Evans. Entre 1938 e 1941, Evans realizou a série fotográfica *Subway*, onde ele realiza fotografias as escondidas de pessoas dentro do metrô de Nova York. Evans acreditava que a experiência no metrô era parte da poesia da vida urbana moderna. “Revelando o quão próximos estamos dos outros e mesmo não estando juntos uma vez tirada a foto estão conectados para sempre”. (ROSENHEIM, THE MET. Walker Evans' cômico photos of 1930s subway passengers are early conceptual art | Art, Explained. 2014. Disponível em : [Walker Evans' candid photos of 1930s subway passengers are early conceptual art | Art, Explained - YouTube](#). Acesso em 15 de Agosto 2022)

Evans não só conectou as pessoas com quem compartilhava o metrô mais também com quem contempla essas fotografias. Pois ao observá-las podemos, apesar da distância do tempo e do espaço que foram feitas, notar uma semelhança com nossa época e com os espaços que compartilhamos, como por exemplo os ônibus. Percebemos nos rostos e posturas dessas pessoas semelhanças tão corriqueiras, uma pessoa que está embebida em seus pensamentos, amigos conversando sobre frivolidades, aquela espiada para tentar descobrir o que a pessoa ao seu lado está lendo ou simplesmente observar o que se passa do lado de fora da janela.

Figura 14,15,16 e 17 – Subway (1938-1941)



Fonte: NYC SUBWAY PORTRAITS BY WALKER EVANS. Aminulnadim. 2015. Disponível em: [Retratos do metrô de NYC por Walker Evans - aminulnadim \(wordpress.com\)](#) acesso em: 6 de agosto de 2022

Walker Evans foi um dos fotógrafos que se empenhou em capturar através de sua objetiva “o homem ordinário” em meio a suas atividades diárias, buscando a pureza desses momentos cotidianos. Seu trabalho tem grande importância dentro da história da fotografia e principalmente dentro do estilo documental. Um estilo fotográfico que criou um novo diálogo “entre o documento poético de tipo surrealista e a investigação documentária” (CARVALHO, 2016, p. 84).

O trabalho de Evans também exerce grande influência sob minha produção, principalmente no que se refere à sua série *Subway*. Além do aspecto estético e documental de suas fotos, que me influenciaram, seu interesse pela poesia da vida urbana (como ele mesmo assim se refere) permeia o meu interesse pela vida cotidiana urbana, em especial, as pessoas.

“As imagens estão logo ali na rua. Acho que é um presente inacreditável a todos nós que vivemos em cidades e que admiramos nossos semelhantes” ao dizer isso Jeff Rosenheim curador do THE MET (Metropolitan Museum of Art) se referia ao trabalho de Walker Evans. Mas pensando na minha fotografia diria que a poesia está logo ali na rua. Acho que é um presente inacreditável a todos nós que vivemos em cidades e que admiramos nossos semelhantes parafraseando Rosenheim, isso porque acredito que o que as pessoas, a cidade e o cotidiano nos geram não são apenas imagens, mais potencial poético.

Neste ponto compreendo que minha fotografia não se atenta exclusivamente em capturar um momento, reproduzi-lo, mas sim em interpretá-lo e explorá-lo, gerar algo para além de uma simples reprodução. Há uma busca, um olhar de intromissão que congela uma pequena parte de um momento, esse pequeno recorte é o primeiro passo do meu processo de criação e das minhas indagações. “A fotografia faz referência a respeito da realidade, tornando-se um vestígio, um contágio entre experiência vivida no tempo e no espaço e o seu rastro, deixado para a posteridade no processo físico-químico de obtenção do registro”. (SANTOS, 2004, p.41).

Percebo também uma diferença entre a forma como executo minhas fotografias e como represento as pessoas. Apesar de realizar minhas fotos também de maneira furtiva, pois busco pela espontaneidade do momento, procuro não identificar ou revelar as identidades, das pessoas que fotografo. Pois ao não as identificar respeito suas privacidades, não me aproprio de suas identidades não me insiro tão profundamente nas suas vidas cotidianas, além daquilo que posso observar no tempo de uma viagem de ônibus ou no encontro na rua.

Busco por meio da minha fotografia instigar quem as vê, a criar também suas histórias como eu crio as minhas, como na série fotográfica *Digitais da vida* onde eu apenas fotografo as mãos de pessoas que me cercam, não as identifico, não torno suas identidades visíveis deixando que suas mãos e as marcas ali presentes ou a falta delas

contém a sua história, que de alguma forma mostrem suas identidades, que as pessoas deduzam suas idades, seus trabalhos e os ocorridos em suas vidas.

Figuras: 18,19 e 20 – Série *Digitais da Vida* (2020-2021)







Fonte: Acervo do artista

Do mesmo modo penso no meu trabalho dentro dos ônibus, a intenção não é revelar suas identidades, mas também é de deixar subentendido um pensamento, uma ideia, um sentimento que essas pessoas anônimas estão tendo, pois o anonimato, a não identificação desses indivíduos, permite que qualquer pessoa possa se identificar de algum modo, que sinta uma familiaridade e que gere baseado em sua vida habitual uma relação de proximidade com esses indivíduos, ou ainda se ponham no lugar delas, se vejam refletidas ali, que de alguma forma vejam seus próprios cotidianos representados, pois “a fotografia entra como elemento de rastro, ponta de um iceberg que esconde aspectos da vida urbana, registro de pedaços do vivido, ou ainda, como antropologia visual da memória indesejada” (SANTOS, 2004, p. 49).

Figura 21 - Fluindo Pela Janela (2022)



Fonte: Acervo do artista

Figura 22 – Contrates Cotidianos (2022)



Fonte: Acervo do artista

Figura 23 – Alguém e ninguém ao mesmo tempo (2022)



Fonte: Acervo do artista

Figura 24: Sozinho (2022)



Fonte: Acervo do artista

Outra fotógrafa que perpassa esse interesse pelo cotidiano e a representação das pessoas, de suas histórias nesse momento rotineiro, que é se deslocar pela cidade, é a israelense Dina Alfasi. Noto no seu interesse por querer transmitir as histórias e as emoções das pessoas e na forma como ela as enxerga, um diálogo bem próximo com o meu fazer fotográfico. Ela realiza retratos discretos de pessoas que estão próximas a ela durante a viagem de trem. Segundo ela:

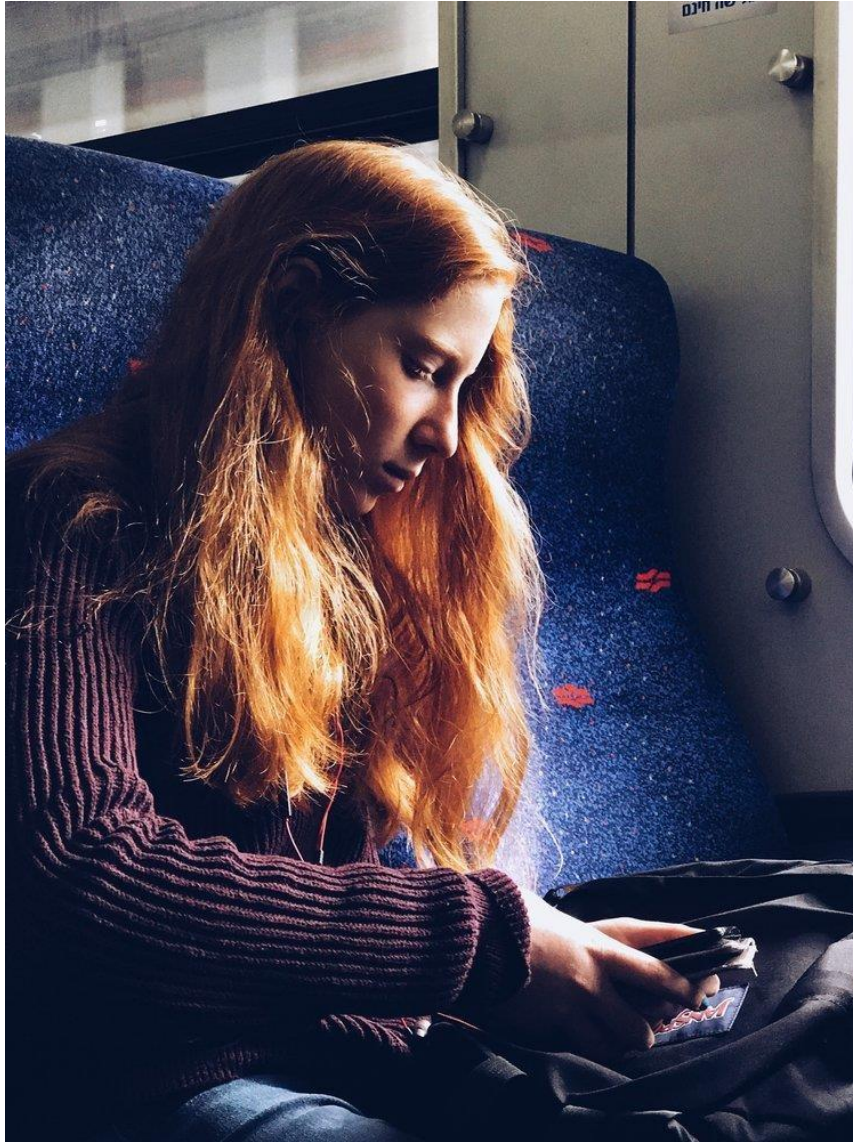
Tento transmitir emoção e história. Cada pessoa é um mundo, cada um com sua própria história. Com fotografia e edição, tento passá-la como vejo da minha perspectiva. Momentos felizes, tristes, engraçados, momentos que fazem pensar ou sentir para quem vê a foto. Todos os dias momentos humanos. (Dina Alfase, disponível em: [Dina Alfasi: retratos sinceros tirados em trens \(thephoblographer.com\)](https://thephoblographer.com). acesso em: 6 de Agosto de 2022.)

Figura 25 – foto de Dina Alfasi – sem titulo (2017)



Fonte: @dinaf. 2017. Sem titulo. Instagram, 4 de dezembro. Disponível em: [Dina Alfasi \(@dinalf\) • Fotos e vídeos do Instagram](https://www.instagram.com/dinalf/) aceso em: 26 de julho de 2022.

Figura 26 – foto de Dina Alfasi – sem titulo (2017)



Fonte: @dinaf. 2017. Sem titulo. Instagram, 29 de março. Disponível em: [Dina Alfasi \(@dinalf\) • Fotos e vídeos do Instagram](#) aceso em: 26 de julho de 2022.

O trabalho de Dina Alfasi reflete mais uma vez esse interesse que a fotografia tem por retratar a vida cotidiana, em buscar por essa poesia da vida. Embora consiga estabelecer uma relação poética e estética entre meus trabalhos com os da Dina Alfasi é notório perceber pontos que nos separam. Apesar de ela buscar por meio de suas fotografias transmitir as histórias e emoções dessas pessoas que encontra quando compartilha o trem, assim como no trabalho de Walker Evans, há essa representação do real.

Enquanto em minha produção há talvez um questionamento, uma busca por experiências a partir do cotidiano como traz Victa de Carvalho

A partir dos anos 1980, o interesse pelo cotidiano é intensificado e cenas banais da vida diária passam a integrar de modo significativo diversos trabalhos fotográficos apresentados em museus e galerias de todo o mundo. Artistas como Jeff Wall, Florence Paradeis, Phillip-Lorca diCorsia, Hiroshi Sugimoto, Thomas Struth, Thomas Ruff, Andreas Gursky, Luc Delahaye, Rineke Dijkstra, Patrick Faigenbaum, Candida Höfer, Beat Streuli, James Welling voltam-se para o cotidiano de diferentes maneiras, visando um deslocamento, uma brecha na banalidade de nossos condicionamentos diários. O modo como o cotidiano é apresentado em muitas dessas instalações, não parece indicar um retorno das estratégias documentais e puristas da imagem como espelho da realidade ou como janela para o mundo, mas um questionamento em relação às possibilidades de experiência a partir das imagens do cotidiano no campo da arte. (CARVALHO, 2011, p. 196)

## 2. A fotografia e o urbano

A fotografia, como forma de representação do espaço urbano, foi e ainda é muito explorada. O interesse pelas metrópoles e seus eventos diários ainda possui grande foco dentro do campo artístico, principalmente na fotografia, gerando inúmeras imagens e questões. Pois se trata de “um lugar intrínseco ao desenvolvimento da cultura de massas no qual a imagem fotográfica se constituiu como referência simbólica bastante eficaz” (SANTOS, 2004, p. 39).

Partindo desse pensamento, podemos estabelecer uma relação de interesse entre a fotografia e os espaços urbanos, talvez pela forma como estes se apresentam, sendo capazes de gerar inúmeras possibilidades de imagens.

Dentro das discursões da fotografia contemporânea é possível perceber uma renovação pelo interesse no cotidiano e no homem comum, Victa de Carvalho nos traz em seu artigo: *Cotidiano e experiência na fotografia contemporânea*, esse novo olhar sobre cotidiano urbano no campo artístico. Segunda ela:

No contexto atual das artes, é marcante o investimento dos artistas na renovação de linguagens e estéticas que apostam no cotidiano como estratégia de experiência. Em meio a uma superprodução de imagens do comum e do banal, as possibilidades de experiência estética através das instalações parecem, a princípio, tão precárias quanto a chance de “uma experiência” na vida ordinária. Se a Modernidade marca o gosto pela realidade cotidiana e pelo banal, devemos nos perguntar o que está em jogo hoje quando percebemos um renovado interesse pelas imagens do cotidiano no campo das artes. (CARVALHO, 2011, p. 196).

Tal interesse pela representação do cotidiano urbano se dá por se tratar de um ambiente muito diverso que possui várias camadas, a grande urbe sempre pediu um olhar mais atento, para que possa ser compreendida. Tal necessidade minuciosa de atenção se dá por características únicas. Dentre elas podemos citar sua característica heterotópica, termo cunhado pelo filósofo francês Michel Foucault, que define como sendo lugares que funcionam como uma contraparte das utopias ou espaços hegemônicos presentes nas sociedades. Ou seja, espaços que proporcionam e oferecem uma vivência diferente

daquela normalmente experimentada no espaço social, mas que possui uma relação com eles, como por exemplo; motéis, internatos, casas de repouso, quartéis militares, prisões etc.

E é baseado neste conceito que enxergo a cidade como um ambiente heterotópico. Porém acredito que o caráter heterotópico das grandes metrópoles (atualmente) não seja mais tão específico, e pontual. Com esses espaços, essas bolhas de experiências se espalhando com maior frequência e em maior grau de intensidade pelos centros urbano, pois na contemporaneidade as cidades apresentam dentro de sua estrutura diferentes tipos de funções e vivências que dependerão do âmbito a que se inserir.

A própria diversidade de vivências nesse ambiente proporciona uma contraposição mais frequente dos lugares antes hegemônicos, o avanço e desenvolvimento das cidades promoveu, a meu ver, essa proliferação de lugares heterotópicos. Havendo ainda o surgimento de heterotopias muito mais diversas daquelas antes existentes, pois para cada modo de vivência dentro dos espaços urbanos criam-se espaços de rompimento. A contraposição dos lugares hegemônicos ocorre mais intrinsecamente permeados dentro do espaço urbano.

Talvez por esse fato, por tal característica que os centros urbanos se tornem uma fonte de inspiração e objeto de interesse de diversos artistas, por possuírem essa capacidade de proporcionar uma quantidade de experiências diversas, gerando assim diferentes perspectivas sobre um mesmo espaço. Ao pensar em trabalhos que refletem sobre o espaço urbano notamos as diferentes maneiras que os artistas o abordam, às vezes de maneira autobiográfica, pela memória ou por vezes por canais específicos, pequenos detalhes e singularidades que os chama atenção.

Como o trabalho do artista ZÈCÉSAR, José César Teatini de Souza Clímaco, artista plástico, gravador, professor aposentado de gravura na Faculdade de Artes Visuais da Universidade Federal de Goiás, desde 1980, traz como objeto de pesquisa a cidade

juntamente com a gravura, que são para ele, seus problemas, sua ocupação e sua preocupação. Segundo ZéCésar:

A cidade e suas luzes, suas fachadas luminosas, outdoors, publicidades, cartazes, manifestos, pichações, grafites. A cidade pode ser vista numa perspectiva urbanística, arquitetônica, sociológica, antropológica, política, econômica, social, psicológica, artística... a cidade pode até não ser vista...

Mas a cidade pode ser caótica e bonita, portentosa e opressora, grande para os pequenos, e pequena para os grandes. Um canteiro de obra para as empresas, um labirinto para um transeunte, uma casa a céu aberto para o sem teto, uma exposição para o passeante ou turista, um motivo para um poeta, um fotógrafo, um artista... um enigma para os políticos, desafio para as políticas públicas.

A cidade não é dos políticos, dos governantes, das imobiliárias, das construtoras, das empresas, dos automóveis... a cidade deveria ser de quem vive nela. Nela vivemos e nela temos que conviver. Com nossas diferenças, com nossas proximidades.

A cidade na minha gravura é tudo isso, ou pretende ser, e, pretensiosamente, refletir sobre tudo isso. Não é uma exaltação à cidade, ou um julgamento, pretende ser mais um espelhamento sob um ponto de vista de quem está dentro, mergulhado nela. Pode ser qualquer cidade do país, quiçá qualquer metrópole do mundo. (CESAR, <https://zecesargravuras.com/galeria/> Acesso em 10 de janeiro de 2023)

Figura 27: Experimentação com litografia a seco (2014)



Fonte: Gravura Digital – ZéCésar – exposição virtual. 2020. Disponível em: [ZéCésar Gravuras \(zecesargravuras.blogspot.com\)](http://zecesargravuras.blogspot.com). Acesso em: 10 de janeiro de 2023

ZéCésar é um artista que pensa e trabalha a cidade de uma forma particular explorando principalmente a arquitetura ou o caos que ela proporciona para realizar todas essas reflexões. Notamos que seu trabalho expressa a grandiosidade da cidade ao mesmo tempo que traz seus pequenos detalhes, suas “idiossincrasias”.

A cidade também está presente nos trabalhos da filipina Xyza Cruz Bacani, cuja fotografia possui um olhar sobre o espaço urbano e as pessoas, sendo utilizada para contar histórias subnotificadas, e o fotógrafo etíope Girma Berta que captura momentos da experiência da vida mundana nas ruas de Adis Abeba. Ambos fotógrafos desenvolvem trabalhos explorando a cidade e essa particularidade trazendo em suas fotos o cotidiano, sendo capazes de expressar essas nuances existentes nas grandes metrópoles.

Figura 28 – Xyza Bacani. There Was There Will Be



Fonte: There was and there will be. Xyza Cruz Bacani. Disponível em: [There Was and There Will Be - Xyza Cruz Bacani](#). Acesso em: 10 de outubro de 2022

As fotografias de Xyza Cruz Bacani trazem a cidade como cenário, constantemente retratando os aspectos da vida cotidiana e as interações humanas nesse espaço. Como na fotografia acima, onde ela destaca a solidão comum a vivência nos centros urbanos, através do preto e branco bem marcante de suas fotos, da luz pontual vinda de cima que não permite que vejamos o rosto da mulher no centro da foto. Ela consegue transmitir o cansaço do dia de trabalho e a solidão da rotina, através de um corte, de um quadro estático podemos perceber a dinâmica usual do ambiente em questão.

Figura 29 – Girma Berta: Moving Shadows II, VI, 2017



Fonte: Girma Berta captura autenticamente o povo de Adis Abeba com um iPhone. It`s nice that. 2018.

Disponível em: [Girma Berta authentically captures the people of Addis Ababa with an iPhone \(itsnicethat.com\)](https://itsnicethat.com) acesso em: 10 de outubro de 2022

Já Girma Berta, em sua série *Moving Shadows*, retira o contexto da cidade de suas fotos, embora ainda assim possamos compreender que seja em um espaço urbano, suas fotografias concentram-se nas ações que as pessoas executam diariamente; seus trabalhos, o caminhar rápido pelas ruas.

Ao analisarmos os trabalhos desses dois fotógrafos percebemos que ambos utilizam das pessoas para retratar a cidade. Entendo, portanto, que quando a fotografia se interessa por retratar os espaços urbanos está também por vezes a retratar as pessoas. Os retratos da cidade perpassam os retratos de quem ocupa esse espaço. Como digitais particulares do ambiente urbano percebidas por quem a observa atenciosamente. “A rua, como espaço público, se torna aqui um emblema das relações estabelecidas no dia a dia de pessoas comuns, um mecanismo que autentica e complexifica as relações entre imagem e mundo” (CARVALHO, 2016, p. 81).

## 2.1 Sob minha lente

Ao pensar no interesse da fotografia pelos centros urbanos direciono-me para o meu interesse em fotografar a cidade, que surge talvez da tentativa de perceber e capturar retratos que não são convencionais, não são feitos em planos americano ou médio, são feitos de instantes dinâmicos, parados, introspectivos, diversos. São mutáveis e fluidos como o passar do dia e da rotina da cidade.

Vou em busca desses momentos comuns e banais perseguindo-os pelas ruas do Centro de Goiânia, entregue ao fluxo desse ambiente. Me insiro nesse lugar pois necessito estar imerso no ambiente onde meus objetos de interesse se situam, onde meu processo de criação se aguça, pois ele se dá por meio empírico, pela vivência, pela inserção dentro do fato, ele acontece no instante em que caminho pelas ruas, tomo um ônibus, observo algo, sento-me em um banco, converso com alguém. Ele está presente quando pressiono o disparador da câmera e posteriormente quando eu observo o resultado. Ele está na escolha do que ponho dentro do campo fotográfico e o que deixo de fora, esse corte do que desejo mostrar e do que apenas sugiro.

É um processo que perpassa muito o ato da caminhada, que me abstém a mente e ao mesmo tempo me foca naquilo que me cerca, me faz pensar, me faz refletir. Pois é através das caminhadas, que mapeio a cidade, refaço o traçado, criando caminhos, pontos de referência e marcos, alterando o fluxo e a direção das ruas pois “as andanças

individuais dentro da cidade alteram e ressignificam a cidade em novas características e aspectos” (CERTEU, 2009, p. 179). Então caminho, e com isso vou percebendo essas pequenas características mundanas, essas digitais da cidade.

É nessas andanças, neste estado de atenção e distração que me encontro quando fotografo, que me deparo com pequenas particularidades da cidade, em especial do Centro. Coisas e acontecimentos que só ocorrem nesse espaço, que não conseguiria me deparar nos bairros adjacentes. Situações engraçadas, confusas e às vezes preocupantes. Talvez por esse fato goste tanto do Centro, por isso o escolhi como espaço de pesquisa, de ateliê e de reflexão, porque ele é capaz de proporcionar mil possibilidades, sendo uma fonte constante de inspiração, podendo às vezes me bombardear com estímulos, com o caos urbano.

Mas é de onde me surgem elementos, questões e aspectos que se inserem no meu fazer artístico. Os elementos que ali encontro me ajudam a compreender o ambiente urbano, e é através do ato fotográfico que refaço a significação da cidade. Procurando enaltecer o despercebido, transformar o ordinário em extraordinário pois como disse Henri Cartier-Bresson “fotografar é colocar na mesma linha a cabeça, os olhos e o coração”.

Figura 30 – Sem título ( 2022)



Fonte: Acervo do artista

Na medida que exploro esse ambiente, me deparo com descobertas e surpresas, pois a cada esquina que dobro há algo de interessante, a cada rua que entro no Centro uma espécie de outro lugar se abre, pequenas ruas e vielas pitorescas me são reveladas. Mas ao mesmo tempo que ocorre essas descobertas há uma diminuição do espaço, as distâncias que percorro se tornam menores. Antes o que parecia distante se torna perto, à medida que caminho, que mapeio esse terreno, o espaço percorrido diminui sendo possível colocá-los dentro de uma caixa, a cidade passa a se compactar.

Como resultado dessa percepção elaboro elementos e processos que me ajudam a pensar nesse espaço. Como o trabalho “Cidade Compacta” que traz uma teia de ideias e questões que me surgiram durante meus momentos de deslocamento, guardados dentro de uma caixa de antena digital. Marcando meus caminhos, os lugares que passei e as possibilidades que me surgiram. O caminhar pela cidade guardado em um recipiente

banal, um fragmento do espaço pois, “o usuário da cidade extrai fragmentos do enunciado para atualizá-los em segredo” (BARTHES apud CERTEAU, 2009, p.178).

Figuras 31,32,33 e 34 – Cidade compacta (2022)





Extrai da cidade seus aspectos que para mim são os mais significativos, assim como trago a caminhada, que funciona como gatilho no meu processo artístico, ela me ajuda a desencadear questões. É através do ato de caminhar que as ideias surgem e as questões se tornam mais claras. É um processo de descoberta, o passo a passo, vai fomentando uma clareza no pensamento e na criação. Faço o recorte dentro da cidade, vou traçando linhas pontilhas que me servem de guia para o corte fotográfico. Um mapeamento do terreno, que posteriormente me servirá como base de uma nova cartografia. Que além do espaço se atenta ao contexto, ao fluxo inexorável dos dias, das pessoas, de tudo; o cotidiano.

Figura 35 – sem título (2022)



Fonte: Acervo do artista

### 3. COTIDIANOS

Neste ponto surge um questionamento, o cotidiano permeou todo meu trabalho presente e citado a todo momento, mas então o que é o cotidiano? A ideia por trás desse conceito parece priori simples, mais ao mesmo tempo muito abrangente. Segundo o dicionário, cotidiano é um adjetivo que qualifica algo que acontece diariamente; que é comum a todos os dias, diário; banal. Porém se pensarmos nessa definição há uma certa abrangência e superficialidade, como se todos os cotidianos fossem iguais, ou tudo que se repete seria cotidiano, quase um sinônimo de rotina. No entanto, a ideia de cotidiano, para mim, possui aspectos mais profundos e variados, pensar nesse conceito dependerá da perspectiva de quem discute sobre ele; de seus hábitos, de sua vida.

Primeiro, acredito ser necessário diferenciar cotidiano de rotina. Como já supracitado acima cotidiano seria algo banal, corriqueiro, diário, já a definição de rotina segundo o próprio dicionário é; um substantivo feminino que significa o hábito de fazer algo sempre do mesmo modo, mecanicamente; rotineira. Portanto, a rotina seria esses atos executados de forma mecânica, quase que de forma impensada, automaticamente.

Ao compararmos esses dois conceitos conseguimos notar suas diferenças. Enquanto a “rotina” é essa ação feita tão mimeticamente que se apresenta como reflexos naturais impensados, o cotidiano possui uma complexidade e abrangência bem maior, não só por sua ambiguidade conceitual, mas por possuir tantas possibilidades de definição. Embora entenda que a rotina integre o cotidiano.

Pensar na cotidianidade é pensar na singularidade e ao mesmo tempo no plural, quando pensamos em cotidiano cada indivíduo exerce para além de sua rotina esse conceito. Sendo assim, cada rotina, aspectos dos meios sociais e individuais criam diferentes cotidianos. Mas o que seria esse cotidiano então, o percurso que as pessoas fazem, a rotina diária delas, sua vida habitual vivida diariamente?

Para auxiliar na construção desse pensamento trago a filósofa Agnes Heller, através do artigo *Agnes Heller: Cotidiano e individualidade – uma experiência em sala de aula* de Renato Tadeu Veroneze.

Segundo Heller (1977, p. 7), o cotidiano é o “mundo da vida” que se produz e se reproduz dialeticamente, num eterno movimento: “[...] é o mundo das objetivações”. O conceito de cotidiano está relacionado àquilo que é vivido e à vida social dos indivíduos sociais. Um e outro se relacionam entre si. O cotidiano (ou a cotidianidade) se distingue da rotina da vida exposta no dia a dia. A rotina do dia a dia se constitui, segundo Heller (2004) como os atos que repetimos mimeticamente sem nos darmos conta do seu significado e de sua importância. O cotidiano é a vida em sua justaposição, numa “sucessão aparentemente caótica” dos fatos, acontecimentos, objetos, substâncias, fenômenos, implementos, relações sociais, história e assim por diante. A vida cotidiana aparece como a “base de todas as reações espontâneas dos homens ao seu ambiente social, na qual, frequentemente parece atuar de forma caótica” (LUKÁCS apud HELLER, 1977, p. 12).

A existência humana implica necessariamente a existência da vida cotidiana. “Ninguém consegue identificar-se com sua atividade humano genérica a ponto de poder desligar-se da cotidianidade” (HELLER, 2000, p. 17). A vida cotidiana é a vida de todos, sem exceção, seja qual for sua posição social. Não há como desassociar a vida do cotidiano.

É na cotidianidade que homens e mulheres exteriorizam por inteiro, todos os seus sentidos, capacidades intelectuais, habilidades manuais, habilidades manipulativas, sentimentos, paixões, ideias, ideologias, suas crenças, gostos, enfim, em sua intensidade.

Ao estabelecer esse pensamento, notamos a profundidade filosófica que é o cotidiano. Se trata, portanto, dos aspectos não só sociais da vida, mais da abrangência de toda ela; dos aspectos públicos e privados, da psiquê, da singularidade de um indivíduo, de toda e qualquer ação, pensamento e razão do ser.

É assim que penso o cotidiano, não como ações feitas rotineiras roboticamente, mas o fluxo da vida as experiências diárias, as pequenas sutilezas dessas experiências que agregam no indivíduo, que são tão pequenamente percebidas que passam sem qualquer

tipo de atenção, às vezes pelo próprio indivíduo que as vive, mas para mim elas são uma fonte poética de questões, combustíveis para minha arte.

As várias linhas de vida que se cruzam, que de alguma maneira podem possuir algumas semelhanças, mas nunca são iguais. Onde eu só tenho acesso a pequenos pontos de intersecção através de encontros pela cidade, dentro dos ônibus, andando nas ruas. Cotidianos que só podem ser vistos nessas pequenas janelas que me surgem, as observo e fotografo, se tornando momentos infinitos de possibilidades, teorias, razões e histórias.

Uma arte vinda do cotidiano urbano e de todos os elementos que a configuram, elementos diários nesse fluxo da vida, por isso os postes, os ônibus e as pessoas, todos esses elementos trazem consigo algum aspecto do cotidiano, expressos em suas banalidades essa poética da vida.

Baseado nisso, reflito mais uma vez sobre esse tema já dentro da minha pesquisa. Por se tratar de onde as pessoas expressam todos os aspectos de sua individualidade, o cotidiano se tornou o ponto recorrente do meu trabalho, por talvez conseguir culminar vários elementos de potenciais poéticos, por ele mesmo ter um potencial poético. Pois o cotidiano é a poesia do dia a dia em que as pessoas expressam o que são, é abrangente é igual e diferente, permeia tudo, pode ser vivenciado por todos e visto por todos, mas apenas alguns conseguem de fato enxergá-lo. Então, por meio da minha fotografia, tento mostrá-lo a todos da mesma forma como eu o enxergo.

Com essa capacidade de nos gerar questões, de nos permitir expressar de formas tão sutis os aspectos de nossas individualidades, de nossas ideias, paixões, pensamentos, tudo o que somos e que isso é como trás Jeff Rosenheim: um presente inacreditável a todos que admiram nossos semelhantes.

## Considerações finais

O desenvolvimento deste trabalho foi um processo que vem maturando há bons anos, mas começou a tomar forma de verdade quando entrei no curso de Artes Visuais-Bacharelado e, principalmente, quando tive a disciplina de fotografia no segundo período com o professor Odinaldo da Costa Silva, que viria a se tornar meu orientador. Este TCC traz o resultado de quatro anos de experimentações e estudos, assim como o meu desenvolvimento na fotografia.

Por meio deste trabalho busco expor as minhas razões poéticas, bem como retratar o Centro da cidade de Goiânia, que além de trazer os principais elementos que compõem o cotidiano, se tornou um local de deslocamentos, descobertas e experimentações. Como também fomentou diversas questões que foram abordadas aqui, mas cuja proposta nunca foi alcançar respostas sobre tais questões e minha produção ou sobre a cidade em si, mas pensar sobre elas, refletir sobre o cotidiano, a cidade, os elementos que compõem a minha produção.

E isso com a intenção de tornar clara a quem tiver acesso a este trabalho o que o ambiente urbano foi capaz de me gerar, assim como o que eu fui capaz de gerar a partir do ambiente urbano.

Esta pesquisa me proporcionou a construção de uma relação mais íntima com o Centro da cidade, bem como uma segurança quanto à minha produção, um entendimento de onde ela se encaixa. Superei o aspecto mais desafiador desta pesquisa que foi a relação de insegurança e questionamentos constantes sobre a minha prática artística, que foram aos poucos desenvolvidos com o auxílio do meu orientador.

Acredito também ter alcançado meus objetivos, que foram o de me ajudar a pensar no cotidiano, na cidade e como eles transversalizam meu trabalho. Assim como, penso que há possibilidade de continuidade e desdobramentos partindo desta pesquisa, em que ela

servirá de base para novas investigações, questões e produções, se expandindo para outras fronteiras, explorando a fotografia e outras linguagens.

Por fim, gostaria que este trabalho fomentasse, ou de alguma forma instigasse, as pessoas que a lerem a pensar e refletir sobre seus cotidianos, a refletir sobre o ambiente urbano, a pensar sobre a Cidade e o que os cercam. Também espero ter contribuído com o debate sobre fotografia na contemporaneidade e suas novas formas de representação.

## REFERÊNCIAS

- Santos, Alexandre e Ivone, Maria. *A fotografia nos processos artísticos contemporâneos*. Porto Alegre; UFRGS Editora, 2004, p.38-60.
- Moraes, Fernanda. *Cama-de-gato*. São Paulo: biblioteca digital USP 2010. Disponível em:<https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27159/tde-19112010-110232/pt-br.php>. Acesso em: 4 de Agosto de 2022.
- Rocha, Enrico. *Perguntas ordiárias em percursos existenciais - algumas considerações sobre a produção artística em contextos urbanos*. 2007
- Tadeu, Renato Veroneze. Agnes Heller: *cotidiano e individualidade – uma experiência em sala de aula*. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), v. 12, n. 1, p. 162 - 172, jan./jun. 2013
- Gampat, Chirs. *Dina Alfase: retratos sinceros tirados em trens*. Thephoblographer 2015. Disponível em: [Dina Alfasi: retratos sinceros tirados em trens \(thephoblographer.com\)](http://thephoblographer.com) acesso em: 6 de Agosto de 2022.
- César, José Teatini de Souza Clímaco. Disponível em: [Zé César Gravuras – Artista plástico \(zecesargravuras.com\)](http://zecesargravuras.com). Acesso em: 12 de Janeiro de 2023.
- Heller, Agnes. *O Cotidiano e a História*. 6ª ed. São Paulo. Paz e Terra. 2000
- Foucault, Michael. *De Outros Espaços*. Traduzido a partir do inglês (com base no texto publicado em *Diacritics*; 16-1, Primavera de 1986) por Pedro Moura.
- Conferência proferida por Michel Foucault no Cercle d'Études Architecturales, em 14 de Março de 1967. Disponível em: [Microsoft Word - De Outros Espaços.doc \(mpbnet.com.br\)](http://mpbnet.com.br). Acesso em: 5 de novembro de 2022.
- Carvalho, Victa. *Cotidiano e experiência na fotografia contemporânea*. Porto Alegre, v. 17, n. 1, p. 195-209, jan./jun. 2011

Rosenheim, Jeff. THE MET. *Walker Evans' cândido photos of 1930s subway passengers are early conceptual art | Art, Explained*. 2014. Disponível em : [Walker Evans' candid photos of 1930s subway passengers are early conceptual art | Art, Explained - YouTube](#). Acesso em : 15 de agosto de 2022.

Augé, Marc. *Não Lugares: introdução a uma antropologia da supermodernidade*. Campinas São Paulo . editora Papirus 1994

Rouillé, A. *A fotografia: entre documento e arte contemporânea*. São Paulo: Editora Senac, 2009.

Dubois, P. *O ato fotográfico e outros ensaios* Campinas: Papirus, 1994

Certau, Michel. *A invenção do cotidiano*. 3ª ed. Petrópolis. Editora Vozes. 1998, p 169 - 193

Carvalho,V. A experiencia do homem comum na fotografia de rua contemporânea. *Galaxia* (São Paulo Online), n. 32, p 80-92, ago 2016

Kossy, Boris. *O paradigma da fotografia*. 2014. Disponível em: [O paradigma da fotografia - PDF Download grátis \(docplayer.com.br\)](#). Acesso em: 17 de agosto de 2022.